

Os Efeitos do Poder¹

Prof^a Dr^a Dulce Adélia Adorno-Silva²

Professora e pesquisadora do Centro de Linguagem e Comunicação na Pontifícia Universidade Católica de Campinas

RESUMO: Para comprovar a tese de que a linguagem da propaganda nas guerras é responsável por desencadear os efeitos do poder (Foucault), nos quais se situam os indivíduos que constituem as massas, parte das três dimensões do desenvolvimento humano: o fabrico, decorrente do uso das mãos, foi responsável pela evolução da técnica; o olhar dirigiu a ação humana para intervenção na natureza e expansão do território; e a linguagem responsável pelo empreendimento, no qual se situa a guerra, que não mais se faz corpo-a-corpo, por causa da evolução das tecnologias, incluindo-se as de comunicação. Conclui que, nas guerras modernas, como fez Hitler na Segunda Guerra Mundial, o poder usa e controla as linguagens usadas como propaganda de guerra, principalmente as da TV para tornar os indivíduos efeitos do poder.

Propaganda política; efeitos do poder; características da massa; linguagens das guerras.

Introdução

O homem, além de ser *homo sapiens* e *homo faber*, possui também uma dimensão sîgnica - é *homo signans*. A partir de seu próprio corpo, informa sobre sua opção de vida, sua condição social, suas emoções etc. Dentre todas suas formas de expressão: a fisionomia, a roupa, os objetos que fabrica e que usa - todos são linguagens -, mas o que mais o caracterizava era o signo verbal. A fala, o sopro da vida deu-lhe consciência de si e do mundo, porque lhe possibilitou desenvolver o pensamento, a fim de conhecer a si, aos outros e à natureza. No entanto, em seu corpo não apenas o ar, que o fez viver e falar com sua dimensão sonoro-auditiva, lhe foi suficiente para que conduzisse a vida. Sentiu necessidade de pensar com as mãos e criou outros signos, que projetaram seu pensamento objetivamente: os desenhos que evoluíram a escrita. Assim, o objeto ausente torna-se presente por mais tempo do que a fala que se dissolve para em sua fluidez sonora. Portanto, o homem cruza a porta da fluidez em direção à reificação

¹ Trabalho apresentado ao NP 03 - Publicidade, Propaganda e *Marketing* do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Doutora, em 2001, pela UNICAMP em Educação, Sociedade e Cultura - tese: *A Mente Controlada* (249 páginas); líder do grupo Propaganda, Significação e Sociedade (linha: Comunicação e Sociedade e projeto: Poder, Propaganda e Violência - IC duas orientações: uma concluída, outra em andamento e 5 propostas; Congressos com apresentação de trabalhos: a) internacionais: Colóquio Brasil-França/2004, XIII Colóquio da AFIRSE/AIPELF - e XVII Colóquio

da linguagem, cuja dimensão se fez ao mesmo tempo pelas mãos e pelo olhar, levando-o a conhecer não só o mundo mas sua representação. Ao afastar-se da condição natural, também pelo fabrico, o homem passa da vida orgânica para a vida organizada situando-se em um mundo artificial .

A representação sígnica visual foi contaminada pelas ações que já realizava com as mãos e com o olhar, quando em estado natural. Os olhos, a partir da bipedia, fizeram com que ele enxergasse mais longe e aumentasse suas metas para ampliar seus domínios; as mãos, usadas para a fabricação de objetos, eram também os seus meios de apreensão, ataque e agressão. Assim, olhos e mãos carregaram consigo, por ocasião da produção dos signos visuais, as marcas dessas duas atividades: a expansão do domínio e a agressão. Para dilatar seu território, dependia da agressão feita com as garras (as mãos), ou do manejo do instrumento – habilidade das mãos, técnica - com o qual fazia a guerra.

O *homo signans*, tendo como referência as mãos, que o afastaram do interior do próprio corpo pela produção sígnica, passou a usá-la também para exercer poder à distância, por meio de registros que situavam o comando longe dos comandados. Desenhos, depois escrita, definiram o poder à distância, embora ambos só pudessem ter significado a partir do olhar. Houve, assim, uma convergência entre mãos e olhos, dando suporte ao pensamento que transforma sua fluidez em registros mais duráveis. McLuhan cita em seu livro, *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, o mito de Cadmo, que arrancou os dentes do dragão e, quando os atirou, deles surgiram as letras do alfabeto. Aqueles representavam a agressão transferida para a escrita.

O homem, não apenas modificou a natureza, mas também, com a evolução, por meio do uso das mãos e sempre olhando bem à frente de seu tempo, fabricou objetos capazes de fixar imagens, com o objetivo de comunicar seu pensamento expresso por meio de seu modo de ver o mundo (seu ponto de vista). A imagem produzida por objetos como câmeras fotográfica, cinematográfica ou televisiva, estenderam o olhar, à medida que reproduziram a sua capacidade física e mnemônica. Embora se deslumbrasse com a própria imagem, não utilizou esse tipo de signo (o icônico) apenas para deleite próprio, mas, por meio dele, expandiu seu poder, usando-o intensivamente, para ampliar ainda mais suas metas, agora por meio do olhar tecnológico. Logo,

ao desejar a dominação (a expansão de seu território) promove a guerra, conforme o alcance desse outro olhar.

Enquanto usa o olhar eletrônico para fazer a varredura completa do território que define como sendo de seus inimigos, sua agressividade expressa-se não pelas garras ou pelas mãos, mas por armas teleguiadas que matam, com precisão, milhares de pessoas. Além disso, direciona o pensamento da sociedade, onde vive, em função da conquista de apoio. A meta traçada não se restringe ao território a ser conquistado pelo olhar (agora tele-olhar), mas à cooptação da opinião pública, que deve permanecer agregada ao pensamento dos que fazem a guerra. As mãos, pouco usadas, são substituídas pelo olhar eletrônico dos satélites de captação de imagens, que atendem às estratégias de guerra estabelecidas pelo poder. O mesmo acontece com a população do país que faz a guerra ou com a dos países que a assistem pela televisão: todos apenas olham e recebem passivamente as informações transmitidas pelos donos da guerra.

Portanto, o papel da escola atualmente é levar os estudantes a saberem ler imagens e, sobretudo, criticá-las, para que não sejam impingidos subliminarmente a dar apoio àqueles que buscam formas cada vez mais eficazes para conquistar o que os olhos eletrônicos conseguem ver e cuja dominação sempre dependerá das mãos dos povos dominados, submetidos ao controle do dominador. Assim, o objetivo deste trabalho é entender os efeitos do poder que se realizam por meio das linguagens, principalmente a visual, visto que culminam nos indivíduos participantes da massa para reagirem conforme a intenção do poder, que sustenta por meio da linguagem da propaganda.

A Guerra como Empreendimento

Se o homem possui originariamente duas dimensões: a do fabrico e a da linguagem, que, conforme Leroi-Gourhan³, evoluíram paralelamente -, constata-se que primitivamente a luta que ele desenvolvia correspondia a da sobrevivência diante da natureza. Para que isso acontecesse, passou a fabricar utensílios, ou seja, objetos necessários a essa intervenção, a qual, para ser eficiente, teve que se realizar de forma coletiva. Por esse motivo, ela foi coordenada pela

³ André LEROI-GOURHAN. O Gesto e a Palavra. Nessa obra, o autor cita que fósseis foram encontrados acompanhados de objetos fabricados com técnica.

linguagem, necessária para o desenvolvimento coletivo das ações e direcionada pelo olhar, a fim de atingir os objetivos pretendidos.

A ação sobre a natureza estendeu-se à necessidade de dominação não apenas da natureza, mas também dos outros homens que se tornariam disponíveis à sustentação da luta com a finalidade de ampliar os domínios: território e riqueza. Por isso, a ação não se limitou à sobrevivência do homem natural em seu meio, mas definiu-se também pelo olhar que o levava a desejar conquistar o espaço já ocupado pelos outros. Em função dessa atuação, a linguagem propiciou a *ação combinada coletiva*⁴, ou seja, uma ação conjunta entre homens, que propiciou também o empreendimento ou organização – *A finalidade primeira da linguagem é desencadear uma ação, em conformidade com uma intenção e com o tempo, o lugar e os meios disponíveis.*⁵ Em função da expansão do poder, o homem, além de se afastar da natureza, criando o mundo da artificialidade de processos, teve como consequência uma imensa perda de liberdade (apud) de indivíduo natural, ao passar da *existência organizada, da vida em grupos naturais, à vida em grupos artificiais, da horda à tribo, à classe social e ao Estado.*⁶

*Segundo o autor, a guerra surge como empreendimento organizado de tribo contra tribo, com chefes e seguidores, com incursões, emboscadas e batalhas organizadas. Do esmagamento dos vencidos emana a Lei que lhes é imposta. A lei humana é sempre a do mais forte, aquela perante a qual se tem de curvar o mais fraco; e essa lei, reconhecida e instituída duradouramente entre os povos, constitui a “Paz”. Assim, o Estado é a ordem interna de um povo com vista aos seus objetivos exteriores. O Estado corresponde àquilo que é a história de um povo como atualidade. Mas agora como sempre a história é uma história guerreira. A política não passa de um substituto temporário para a guerra, o qual utiliza armas mais intelectuais.*⁷

Primitivamente, os homens de uma comunidade constituíam o seu exército. As técnicas de governo, da guerra e da diplomacia possuíam base comum. Assim, o empreendimento que organizava as tarefas e as distribuía entre os membros da comunidade, definia a diferença entre a política, a economia: aquela voltada para o poder e esta, para a riqueza. *E quanto mais dura é a*

⁴ Oswald SPENGLER, em *O Homem e a Técnica*, define a ação coletiva combinada como: *atos organizados de um número de indivíduos mais ou menos e elevado, em conformidade com um plano*, p.77

⁵ Id., *ibid.*, p.81

⁶ Idem, *ibidem*, p. 86

⁷ Idem, *ibidem*, p. 86-87

*competição para a conquista do poder e da riqueza, mais estrita e rigorosa é a submissão dos indivíduos à lei e à força.*⁸ Em qualquer empreendimento: construções ou navegações -, desaparecia grande número de operários, mas o importante era a sobrevivência dos indivíduos que garantiam a coletividade. Em vista disso, as nações se fizeram e as fronteiras foram construídas, *limites dos poderes de cada uma, que despertam os instintos atávicos de ódio, de agressão e destruição.* (apud) A fronteira sempre é vista como inimiga do desejo de dominação.

A partir da técnica humana, porque evolutiva, multiplicaram-se as invenções acompanhadas da necessidade de novas descobertas, visto que a inteligência humana é insatisfeita e sempre exige mais. Por esse motivo, a ação de um chefe precisava, cada vez mais, de maior número de mãos para concretizá-la e, assim, os prisioneiros capturados na guerra eram subjugados e explorados pela sua força. O poder, dessa forma, para se ampliar e se sustentar, já dependia das massas.

Logo, embora o homem procurasse preservar sua liberdade individual, diferenciando-se das massas, restavam-lhe duas alternativas: *ou assume a chefia das massas, ou a fuga perante elas, ou o desprezo por elas*⁹. A personalidade, segundo Spengler, é um protesto contra a humanidade enquanto “massa”, que sente ódio pelo adversário, pois a ele é inerente o reconhecimento da igualdade; pelos seres inferiores (a massa) apenas se sente desprezo. *E esses seres desprezados tornam-se invejosos (a inveja dirige o olhar para cima)*¹⁰.

A partir da reflexão de Spengler, nota-se que: o uso das mãos de que resultou a técnica para fabricar e usar utensílios; o olhar, que estabeleceu o objetivo a ser alcançado; e o empreendimento que se fez pela ação coletiva combinada, só possível pela linguagem - se constituem três características humanas desenvolvidas por meio dos processos artificiais, pela evolução até os dias atuais. Logo, a linguagem atendeu ao exercício de poder, pois separou os que chefiavam: estabelecem a meta (traçam os objetivos), dão as ordens e definem a técnica a ser utilizada -, daqueles que executam. Porque a intenção de Spengler foi abordar apenas a relação do homem com a técnica, não se detém no modo como a linguagem é usada para exercício de poder, mas, ao considerar o crescimento das massas, pode-se inferir que as linguagens também precisam

⁸ Idem, ibidem, p.88

⁹ Id., ibid., p. 91

¹⁰ Id., ibid., p. 91

ser extensivas para sustentação do empreendimento. A seguir, passa-se à análise da relação do poder com as massas, por meio de outras linguagens que não a verbal.

Os Efeitos do Poder

De modo diferente de Spengler, que afirma que a “*personalidade*” é um protesto contra a humanidade enquanto “*massa*”, Michel Foucault considera que

*O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia e se exerce em rede. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede.*¹¹

Se ele se exerce em rede, *não se aplica aos indivíduos*, mas *passa por eles*. Os indivíduos não são os átomos do poder, mas foram moldados por ele, que tem consciência de sua ação: *um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder.*¹²

Embora se considere o valor do estudo de Spengler que não se centraliza na importância da linguagem para exercício do poder, mesmo ao afirmar que tinha como função, além de dividir tarefas, produzir ordens que deveriam ser obedecidas, a fim de atender ao comando e dividir a sociedade entre a minoria que planeja e a maioria que executa, este ensaio pretende alinhar-se a Foucault, que situa o indivíduo como um dos primeiros efeitos do poder, porque o reproduz por meio de linguagem, conforme a citação acima. Como exemplo, considere-se que, em um exército (exemplo mais evidente de exercício de poder), o espaço ocupado pelos indivíduos que o formam, diferenciam-se e diferenciam-nos de acordo com a posição ocupada na hierarquia militar. Da mesma forma, a hierarquia é evidente nas roupas usadas, nos detalhes que contém, na posição ocupada nos desfiles militares etc. O poder não apenas se exerce por meio das linguagens, mas por elas constitui o seu exercício.

Mesmo que a idéia da personalidade como oposição às massas seja o que se pretende na sociedade atual, ainda é enorme a distância a ser percorrida para que ela se faça marca de individualidade e originalidade. Não interessa ao poder que as individualidades se multipliquem,

¹¹ Michel FOUCAULT. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996, p.183

¹² Idem, *ibidem*, p.183

pois, como já foi esclarecido em outro ensaio¹³, os seus detentores buscam números, visto que é a maioria que os sustenta; do contrário, deixariam de ser poder.

Elias Canetti, no livro *A Consciência das Palavras*, no ensaio *Hitler, por Speer*, comenta a paranóia de Hitler, da qual uma das características consistia na volúpia por números¹⁴: *Sua memória por números é um caso à parte. Para ele, os números desempenham um papel diferente do que para os outros homens. Ainda citando Speer, o autor comenta que o Führer transferiu sua paixão por números para outras coisas, pois para ele os números deviam ser crescentes, por isso os estendeu às construções em função da ocupação do espaço que também é um dos efeitos do poder. É relevante retomar Canetti, em sua obra *Massa e Poder*, na qual assinala que a massa possui ânsia de crescimento; conseqüentemente os números também a impressionam. Por isso, ao crescimento numérico e à grandiosidade do espaço para conter as massas, faz-se necessária uma comunicação grandiosa e grandiloqüente: *De qualquer forma, é digno de nota o instinto aguçado que Speer demonstrou, no início de sua carreira, para o desenho de bandeiras gigantescas e para a forma singular de dispô-las.*¹⁵*

Nessa relação, Canetti já havia citado a comunicação, a partir dos signos que constituem a cristalização das massas: *Tudo o mais que contribui para a formação de tais massas (bandeiras, música, unidades perfilando-se como se fazem as cristalizações da massa, mas, particularmente, a prolongada espera pela figura principal) era bastante conhecido por Hitler e seus auxiliares.*¹⁶ Outra característica relevante para essa análise é a repetição regular – característica da massa fechada - que se dá para sua sustentação, ou seja, aquela formada dentro do limite do espaço (a torcida no estádio de futebol, por exemplo) e cuja característica importante para a manutenção é retornar ao encontro, como em um ritual religioso, ou como no próximo jogo do campeonato.

O poder de Hitler, por meio da comunicação, estabeleceu-se, porque centralizou seus efeitos sobre os indivíduos, exercendo-se *em rede* – conforme Foucault - ou em cadeia, a fim se produzisse nos espaços arquitetônicos, assim como em todos os formatos de propaganda: os gestos, por exemplo, que se associavam aos símbolos; as palavras e expressões que permanecem ainda hoje e que se espera sejam apenas como memória. Mas como nem uma

¹³ Guerra: verdade, opinião e propaganda - apresentado no INTERCOM de 2004

¹⁴ Elias CANETTI in *A Consciência das Palavras*, p.188

¹⁵ Idem, *ibidem*, p.189.

¹⁶ Id., *ibid.*, p.177

forma de comunicação pode ficar excluída do processo da ordem do discurso do poder, para que o efeito fosse completo, o uso dos meios de comunicação também assumem grande importância, como o rádio, por exemplo:

*Com o rádio, destruimos o espírito de rebelião. O rádio deve ser propaganda. E propaganda significa combater em todos os campos de batalha do espírito, gerar, multiplicar, destruir, exterminar, construir e abater. A nossa propaganda é inspirada naquilo que chamamos raça, sangue e nação alemães.*¹⁷

Outro *medium* usado por Hitler para compor as massas como efeito do poder foi o cinema, que não foi aceito de início pelo ministro da propaganda, mas que depois o usou intensamente. A percepção, a seleção de imagens da realidade, foi reconhecida e aproveitada em função do nazismo por Goebbels, que sabia da sua importância como arma de guerra. A grandiosidade do espetáculo fílmico (as grandes produções) ganha a mesma proporção na guerra: “*a grandeza única de uma operação militar consiste no que ela tem de monstruoso*”¹⁸ Com essa finalidade, o nazismo produziu *O Judeu Süß*, de caráter absolutamente tendencioso e foi exigente em relação a filmes que não atendiam às expectativas técnicas: proibiu a projeção de um filme alemão em cores (*A Bela Diplomata*), porque ao compará-lo com filmes americanos, achou as cores abomináveis.¹⁹

Observa-se que historicamentenua a ser um empreendimento, mas de uma complexidade cada vez maior. Contudo, mesmo que as massas tenham crescido assustadoramente, mantiveram algumas das características apontadas por Canetti. Com o avanço das tecnologia multiplicaram-se os meios, cujas linguagens destinam-se principalmente durante o Estado de Exceção, a atuarem sobre os componentes da massa para que se tornem *os primeiros efeitos do poder*. Assim, torna-se oportuno fazer uma comparação entre o poder e a massa, observando-se os objetivos e as características de ambos que já foram mencionados, tomando como objeto de análise algumas das linguagens usadas nas Guerras contra o Terrorismo e contra o Iraque.

¹⁷ Giovanni GIOVANNINI, *a Evolução na Comunicação*, p.185-186. O autor está citando o ministro da propaganda de Hitler, Joseph Goebbels.

¹⁸ Paul VIRILIO, *Guerra e Cinema*, p. 14. O autor cita Joseph Goebbels.

¹⁹ É digno de nota também o financiamento feito ao filme *O Triunfo de uma Vontade*, de Leni Riefensthal

As Imagens do Poder

Nas guerras mais recentes, a propaganda para produzir efeito sobre os indivíduos que devem constituir a massa, teve uso semelhante àquele adotado pelo Nazismo durante a Segunda Grande Guerra. Embora a massa mantenha muitas características apontadas por Canetti, adquire outras diferentes das que possuíam os indivíduos que a constituíram naquele momento. Isso, só foi possível devido ao avanço das tecnologias de comunicação que possibilitaram o surgimento de novas linguagens para sustentação do empreendimento bélico e possibilitaram aos olhos um alcance bem maior. É relevante observar que, em relação às mãos – a técnica, para Spengler -, a guerra não mais se faz corpo-a-corpo, visto que se distanciou do próprio corpo, que acabou por adquirir uma função secundária no mundo atual.²⁰

As novas características da massa serão analisadas e exemplificadas a seguir, pois determinaram também as novas formas de se realizar o empreendimento da guerra, cujo fundamento não se faz somente a partir da técnica com o uso das mãos, mas principalmente por meio da tecnologia.²¹

Gilbert Simondon diferencia técnica de tecnologia: aquela pertence ao estatuto da minoridade, uma vez que depende de uma relação mais familiar (transmitida de pais para filhos), de contato direto com o entorno, inserida no cotidiano das pessoas etc; já esta pertence ao estatuto de maioridade, pois é racional, depende do conhecimento científico e é universal (rompe a estrutura familiar): (...) *a tecnologia exige um meio de expressão outro que vai além da expressão oral, que utiliza conceitos já conhecidos, e que pode transmitir emoções, mas dificilmente expressar esquemas de movimento ou estruturas materiais precisas; o simbolismo adequado à operação técnica é o simbolismo visual, devido a seu rico jogo de formas e proporções. A civilização da palavra dá lugar à da imagem.*²²

²⁰ O filme, O Último Samurai, em forma de narrativa, mostra bem essa diferença entre os dois tipos de guerra.

²¹ Gilbert SIMONDON, em *Du Mode d'Existence des objets Techniques*, diferencia *o objeto técnico segundo um estatuto de maioridade ou segundo um estatuto de minoridade. O estatuto da minoridade é aquele segundo o qual o objeto técnico é, antes de mais nada um objeto de uso, necessário á vida cotidiana, fazendo parte do entorno no qual o indivíduo humano cresce e se educa. O estatuto da maioridade corresponde, ao contrário, a uma tomada de consciência e a uma operação pensada pelo adulto livre, que tem a sua disposição os meios do conhecimento racional elaborado pelas ciências: co conhecimento do aprendiz se opõe então ao do engenheiro.* – p.85.

(Traduzido do original em francês)

²² Idem, *ibidem*, p.97

As linguagens que constituem o discurso por meio do qual o poder se exerce, conta ainda com os fundamentos apontados por Spengler: a linguagem para planejar e ordenar o empreendimento, o olhar para definir o objetivo e as mãos para fabricar os objetos e para usá-los em função da ação pretendida. Só que eles não mais são fabricados pelo homem, mas pelas tecnologias decorrentes da evolução (mutação) do mundo orgânico (natural) para o mundo organizado que se fez por meio de processos artificiais.

Se o mundo adquiriu grande complexidade, o empreendimento da guerra nos últimos quinze anos (considera-se a Guerra do Golfo como um marco) diferencia as linguagens que, ao mesmo tempo que se constituem também efeitos do poder, são por ele utilizadas para chegar aos indivíduos que se tornam efeitos, à medida que as assimilam e incorporam. Para tanto, é preciso especificar o que a massa atualmente possui de diferença das anteriores para atuar como reiteração do poder que precisa do apoio dela para continuar poder.

Retomando a declaração de Simondon: *a civilização da palavra dá lugar à da imagem*, entende-se a nova característica da massa. As linguagens visuais que sempre foram colocadas em segundo plano, considerando-se a civilização da escrita, hoje, com a televisão e a Internet, estão presentes em todos os lares e sua recepção é muito mais numerosa do que a linguagem verbal escrita.²³ Portanto, a linguagem da imagem é atualmente a estratégia mais eficaz para atingir o indivíduo e torná-lo componente da massa.

Embora os grandes espaços ainda propiciem as grandes concentrações, a massa televisiva dispensa-os, porque os indivíduos permanecem em espaços fragmentados – casas, bares, cafés etc, - para recepção das linguagens do poder. Quando elas não são unidirecionais (caráter próprio da mídia irradiada), realiza-se a suplementação pelas demais linguagens (fotos na mídia impressa, filmes de cinema, emissões radiofônicas etc) com o objetivo de garantir os efeitos do poder. Os indivíduos não têm como garantir a sua personalidade, pois estão destinados a reproduzir as linguagens do poder, visto que são cercados por elas. As fronteiras que eram nacionais tornam-se midiáticas: a amplitude da abrangência da mídia define o espaço do poder, por meio dos processos artificiais.

²³ A autora deste ensaio fez pesquisa em redações do Vestibular da PUC-Campinas e, de 540 redações analisadas, apenas 10 citam outras informações não provenientes da televisão.

Os meios de comunicação constituem-se em *os cristais de massa*²⁴, ou agem como tal, porque são empreendimentos econômicos utilizados para gerar os efeitos do poder em função da constituição da massa. Seriam, portanto, um motor importante na ação desencadeada pelo poder, que decide a guerra e do qual essas empresas dependem em situações de exceção.

Outro traço da massa televisiva é a repetição, que acontece não como ritual da massa, mas como característica da linguagem da propaganda. Nas guerras, as ações são únicas e os contextos em que acontecem são sempre diferentes, mas a linguagem como desencadeadora dos efeitos do poder, impõe-se pela repetição, para que a massa a assimile sem questionamento. Assim, o ritual faz parte dos discursos que se repetem com insistência, retomando fatos por meio de imagens, palavras, símbolos, músicas que reiteram a conveniência do poder instituído.

Em relação às imagens do ataque terrorista ao WTC, em Nova Iorque, somos incapazes de enumerar o número de vezes que elas foram exibidas, por qualquer mídia. Na televisão, as imagens se repetiram continuamente durante anos. A reiteração garantiu um dos tipos de efeito sobre os indivíduos, que não questionaram as causas do ataque terrorista, mas aceitaram as imagens da destruição e a conseqüente retaliação à população civil, como se ela fosse cúmplice da destruição terrorista das Torres Gêmeas. Portanto, na era da mídia, não é a massa que realiza o ritual, mas a linguagem da mídia.

Outra característica desencadeada pelo poder e que também constitui o funcionamento em rede, é a coesão da massa. Diante da repetição da informação pela mídia, a massa torna-se coesa, pois é insignificante o número daqueles que têm informações para discordar do poder que controla a informação. É relevante o fato de o presidente George Bush ter sido reeleito, tendo dirigido sua campanha eleitoral a partir da ameaça terrorista. Esse fato leva-nos a constatar um outro elemento do poder em cadeia, visto que a massa se torna coesa quando a ameaça vem de fora, ou seja, além da divulgação insistentemente repetida, o ataque terrorista – ameaça externa aos Estados Unidos da América - tornou a maioria dos eleitores americanos coesos ao poder.

O poder tem como objetivo, ao usar a linguagem da propaganda durante as guerras, a domesticação das massas, que no caso do Ataque Terrorista, foi gerada pelo medo comum a todos, diante da insegurança causada. Atualmente, diante do avanço da tecnologia de guerra não é

²⁴ Elias CANETTI, *Massa e Poder*. Por cristais de massa eu designo pequenos e rígidos grupos de homens, fixamente limitados e de grande constância, que servem para desencadear massas. (p.78) À p. 79, cita como exemplo, os soldados e monges.

importante a distância da meta, a qual se atinge por meio de mísseis teleguiados, tendo como suporte o apoio da opinião pública que legitima o poder desencadeador da ação bélica. Na guerra, a vítima é a meta, que foge ou morre, mas o importante é matar coletivamente, não em luta corpo-a-corpo, mas em ataque tele-dirigido, por meio do qual a meta é atingida quase sem erro.

Logo, se as novas tecnologias de comunicação redefinem não apenas as guerras, como as linguagens do poder, como a fotografia na Primeira Guerra Mundial; o cinema, principalmente na Segunda Grande Guerra ²⁵; depois como um marco recorde-se da Guerra do Vietnã, que foi a primeira guerra televisionada, visto que o poder (Pentágono e o governo Sul-vietnamita) não conseguiu controlar a informação e, dessa forma, o governo norte-americano, perdendo o controle da opinião pública, foi obrigado a retirar-se do país em guerra.

Por esse motivo, a partir da Guerra do Golfo a linguagem do poder foi controlada pelo Pentágono. O que se via na tela da TV eram imagens limpas, isto é, como se fosse um espetáculo de pirotecnia, pois eram luzes que se cruzavam sob o céu de Bagdá. Conforme as informações recebidas pela linguagem televisiva, não houve vítimas na guerra e, como muito bem afirmou Laymert Garcia dos Santos: *A realidade é a realidade da imagem que desfila na televisão – só importa o que se mostra ali, no vídeo, a guerra é sem cadáveres, sem sofrimento, mas com muita emoção – um vídeo-game.*²⁶ Ainda, segundo o autor, *os telespectadores imóveis mas mobilizados também têm um papel militar a cumprir, os telespectadores também se tornam soldados, atores do drama*²⁷ Pode-se denominá-los massas eletrônicas ou efeitos do poder, cuja linguagem controlada e veiculada pela televisão resulta no consenso em relação à guerra, que não é questionada, mas legitimada.

Isso mesmo ocorreu na Guerra contra o Terrorismo, denominada Guerra do Bem contra o Mal, pelo presidente George Bush. A repetição das cenas do ataque, a censura sobre a televisão árabe (Al Jazeera), a compra da captação de imagens e sua divulgação por meio de satélites de alta tecnologia como o Ikonos, enfim todo o controle das linguagens acabou por justificar a retaliação sobre um povo, cuja maioria, com certeza, não participava da Al Qaeda. Mas a massa nacional norte-americana, diante do medo da ameaça de fora, ficou coesa e nem se quer

²⁵ Leia-se a respeito os livros de Paul VIRILIO: a) A Máquina de Visão e b) Guerra e Cinema.

²⁶ Laymert GARCIA DOS SANTOS, A Televisão e a Guerra do Golfo, p.159.

²⁷ Idem, ibidem, p.160.

questionou a ação militar, que, em seguida favoreceu a Guerra contra o Iraque e a reeleição do presidente Bush.

O tema central da Guerra contra o Terrorismo, que foi a ameaça externa, repetiu-se incessantemente como linguagem geradora do primeiro efeito do poder, a fim de manter a massa coesa em torno de outra guerra (Guerra contra o Iraque) que não se justificou²⁸, mas que a massa apoiou devido ao modo como a mídia, principalmente a TV, veiculou imagens e outros discursos que mostravam enganosamente a ameaça representada por Saddam Hussein.

Portanto, atualmente o olhar está por toda parte, visto que define a meta (ou objetivo) do poder, não pelo alcance do olho humano mas pela extensão do olho das tecnologias de comunicação, sejam elas para atingir o alvo que se definiu como meta; sejam como produtoras de linguagem que se repete como um ritual de formação das massas, às quais não se possibilita o questionamento e a crítica devido ao controle exercido; sejam elas para romper fronteiras nacionais a fim de expandir o domínio de quem detém o poder da tecnologia, da riqueza e da política.

Bibliografia

ADORNO, Theodor W. A Indústria Cultural, in Cohn G. (org.) Sociologia. São Paulo: Ática, 1994 pp.92-99

ADORNO-SILVA, D.A. A Mente Controlada (tese de doutorado) Campinas: FE/UNICAMP, 2001 249p.

ARENDT, Hanna . Sobre a Violência. Trad. de André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994 p.1-44

ARNETT, Peter. Ao Vivo do Campo de Batalha. Trad. de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1994 p. 3-355

BERGSON, Henri. A Evolução Criadora. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio:Zahar Editores, 1979. 316p.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a Televisão. Trad. Maria Lúcia Machado..Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997 . 143p.

CANETTI, Elias. A Consciência das Palavras (ensaios). S.Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 27-42 e 175-202.

_____ Massa e Poder .Trad. de Rodolfo Krestan. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ Melhoramentos, 1986.531p.

²⁸ O motivo divulgado foi a existência, no Iraque, de armas de destruição em massa que não foram encontradas.

- CHOMSKY, Noam. *Novas e Velhas Ordens Mundiais*. Trad. de Paulo Roberto Coutinho. S. Paulo: Scritta, 1996 Trad. Paulo. 375p.
- _____. 11 de Setembro. (2ª ed.) Trad. De Luiz Antônio Aguiar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 150 p.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998. 79 p.
- _____. *Microfísica do Poder*(12ª ed.) . Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996. p.167-191
- _____. *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões*. 2a. ed..Petrópolis: Vozes, 1983 pp. 173-199
- FREITAS MOURÃO, Ronaldo R. de *A Censura Espacial na Guerra do Afeganistão* in FSP, 18/11/2001, p.A-3
- GARCIA dos SANTOS, Laymert . *A Televisão e a Guerra do Golfo* in PARENTE, A. (org.) *Imagem-Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. p. 147-161
- GIOVANNINI, Giovanni. *Evolução na Comunicação: do Sílex ao Silício*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997
- LEROI-GOURHAN, André. *O Gesto e a Palavra: 1 - Técnica e Linguagem*. Trad. Vitor Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987. 337 p.
- _____. *O Gesto e a Palavra: 2 - Memória e Ritmo*. Trad. Emanuel Godinho. Ibidem, 1987. Trad. 247 p.
- MATTELART, Armand - *Comunicação Mundo: História das Idéias e das Estratégias*. Petrópolis: Vozes, 1994 (Col. horizontes da globalização) 320p.
- MCLUHAN, M.. *Os Meios de Comunicação: Como Extensões do Homem*. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969. 406 p.
- MICHAUD, Yves. *A Violência*. Trad. de L. Garcia. São Paulo: Ática, 1989.
- SPENGLER, Oswald. *O Homem e a Técnica*. Trad. de João Botelho. Lisboa: Guimarães Editores, 1980. p.8-130
- SIMONDON, Gilbert. *Du Mode d'Existence des Objects Techniques*. Paris: Aubier- Moutain, 1969. 266p.
- VIRILIO, Paul *L'Écran du Désert: Chroniques de Guerre*. Paris: Éditions Galilée, 1991. 198p.
- _____. *Guerra e Cinema..* São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1993. Trad. Paulo Roberto Pires. 191p.
- _____. *A Máquina de Visão: Do Fotograma à Videografia, holografia e infografia (computação eletrônica): a humanidade na "era da lógica paradoxal*. Rio de Janeiro: José

Olympio,1994. Trad. Paulo Roberto Pires. 107p.